



JORNADA PELA INCLUSÃO: Relato das Vivências e Desafios no Programa Residência Pedagógica

SOBRENOME, Nome ¹
SOBRENOME, Nome ²
SOBRENOME, Nome ³

RESUMO: O presente artigo apresenta um relato de nossa experiência vivida durante o decorrer de atuação como bolsistas do programa Residência Pedagógica, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus João Pessoa em turmas de 3º ano do curso técnico integrado de controle ambiental e 1º ano do curso técnico integrado em Mecânica. A pesquisa trata-se de um estudo descritivo de caráter qualitativo, que busca retratar a realidade do ambiente escolar. Foram produzidos materiais metodológicos, com o propósito de auxiliar os alunos, dando uma ênfase maior em adequar para os alunos com deficiência para que houvesse uma melhor inclusão. Assim, se demonstrou a importância do Programa Residência Pedagógica na formação acadêmica de professores, além de proporcionar um passo crucial em direção à efetivação dessa inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de Experiência; Residência Pedagógica; Inclusão; Ensino de Química.

1 INTRODUÇÃO

O programa Residência Pedagógica (PRP) é uma iniciativa do Governo Federal brasileiro, com o objetivo de aprimorar a formação inicial de professores. Ele proporciona aos estudantes de licenciatura a oportunidade de vivenciar o cotidiano da escola, sob a supervisão de um professor da rede pública de ensino e de um docente da universidade.

De acordo com o edital nº 06/2018 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o PRP visa melhorar a formação dos estudantes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortalecem a prática educacional e incentivam os licenciandos a integrar ativamente teoria e prática profissional. Isso é alcançado por meio da utilização de métodos como coleta de dados, diagnóstico sobre ensino e aprendizagem escolar, além de

¹ Graduando em Licenciatura <colocar o curso de graduação>, Bolsista <Colocar o programa no qual faz parte>, IFRO, *Campus* <Colocar o campus de origem>, emailautor@email.com.br <Arial, ou fonte não serigrafada, 9, Justificado>

² Formação/atuação profissional <Preceptor>, Bolsista <Colocar o programa no qual faz parte>, IFRO, *Campus* <Colocar o campus de origem>, emailautor@email.com.br <Arial, ou fonte não serigrafada, 9, Justificado>

³ Formação/atuação profissional <coordenador de área>, Bolsista <Colocar o programa no qual faz parte>, IFRO, *Campus* <Colocar o campus de origem>, emailautor@email.com.br <Arial, ou fonte não serigrafada, 9, Justificado>

outras didáticas e metodologias pertinentes (Capes, 2018, p.1).

Dentro desse contexto, a inclusão educacional é um princípio fundamental que objetiva garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades, características ou diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade em um ambiente escolar diversificado e inclusivo. Nessa perspectiva, existem legislações que reforçam os direitos de alunos com deficiências como a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96), a qual no inciso I do art. 59 assegura que as instituições de ensino devem garantir aos educandos com necessidades especiais “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;” (Brasil, 1996).

Por isso, é crucial que na formação docente se contemple experiências que proporcionem o contato direto com situações envolvendo alunos com deficiência e que precisam de atendimento especializado. Isso é fundamental para capacitar os futuros educadores com estratégias eficazes de enfrentamento a esses desafios pois exigem abordagens diferenciadas e adaptativas.

Um ambiente educacional inclusivo demanda equipamentos especializados, materiais didáticos adaptados e a presença de profissionais de apoio ou educadores capacitados especificamente. Isso requer um compromisso contínuo, criatividade, flexibilidade e sensibilidade por parte de todos os envolvidos. Corroborando com essa afirmação, Neto (2018) destaca que é necessária uma transformação do sistema educacional, ainda exclusivo, direcionado para receber crianças dentro de um padrão de normalidade estabelecido historicamente.

Assim, garantir a inclusão social, a valorização e a participação ativa de todos os alunos na vida escolar pode ser um desafio significativo. Isso requer a promoção de oportunidades equitativas para participar de atividades extracurriculares, eventos escolares e interações sociais, promovendo um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo.

Portanto, este relato tem como objetivo compartilhar experiências adquiridas durante a participação no Programa Residência Pedagógica, na formação do curso superior de Licenciatura em Química atuando em turmas do ensino médio técnico-integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus João Pessoa. Além disso, relatar experiências ao ensinar alunos com deficiência, que enriqueceram ainda mais nosso aprendizado e compreensão sobre

a educação inclusiva.

2 METODOLOGIA

O presente relato trata-se de um estudo descritivo de caráter qualitativo, que busca retratar a realidade e mapear determinado contexto. De acordo com Nunes, Nascimento e Alencar (2016), a pesquisa descritiva engloba um estudo observacional e descritivo que tem como objetivo identificar, registrar e analisar as características, fatores ou variáveis relacionadas ao fenômeno ou processo. Foram utilizados como recursos metodológicos elementos subjetivos da própria experiência durante o período de residência, tais como, a observação para coleta de dados sobre as turmas.

A escola-campo foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus João Pessoa, e atuamos em turmas de 3º ano do curso técnico integrado de controle ambiental e 1º ano do curso técnico integrado em Mecânica. Considerando que nessas turmas existiam alunos deficientes, buscamos observar de perto como era a interação deles em sala de aula e identificar áreas em que poderíamos aprimorar nossa didática e materiais expositivos.

Essa busca foi realizada por meio de pesquisas bibliográficas pedagógicas sobre métodos educacionais para expandir e fundamentar as práticas do ensino e da aprendizagem a partir de conceitos sólidos e atualizados. Também através do compartilhamento de ideias entre os residentes, pois a colaboração pode ser uma fonte valiosa de inspiração e suporte.

O processo de ensino e aprendizagem é uma entrada infinita de possibilidades, onde devemos colocar o indivíduo para ser protagonista do seu ensino, e o professor estará lá para orientar, auxiliar e motivar os alunos em sua jornada acadêmica, nesse contexto, o docente será mediador. Carvalho (2004), destaca que:

Essa proposta de ensino deve ser tal que leve os alunos a construir seu conteúdo conceitual participando do processo de construção e dando oportunidade de aprenderem a argumentar e exercitar a razão, em vez de fornecer-lhes respostas definitivas ou impor-lhes seus próprios pontos de vista transmitindo uma visão fechada das ciências (Carvalho, 2004, p. 42).

Dentro desse contexto, foram realizadas diversas reuniões com a preceptora e os residentes a fim de discutir sobre como poderíamos ressignificar o ensino de

Química para os alunos, levando em consideração os alunos surdos e autistas e a demanda da turma. De acordo com o Decreto nº. 3.956/2001, o Ministério Federal publica em 2004 o documento: “O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular”, reafirmando os direitos à educação para todos.

Assim, a princípio foi realizado um referencial teórico sobre os assuntos de acordo com o ano de cada turma, com o embasamento de todos os fatos descritos acima, além do mais, foi realizado um planejamento para refletir sobre as especificidades de cada estudante já que é fundamental conhecê-los para atender suas necessidades.

Além disso, a percepção dos alunos em relação à Química pode variar amplamente, influenciada por uma série de fatores, incluindo sua experiência prévia com a disciplina, seu interesse pessoal e suas expectativas em relação ao conteúdo. Porém muitos alunos veem a Química como uma disciplina desafiadora e complexa, associada a fórmulas e equações complicadas, por isso a necessidade de planejamentos contínuos.

Nas turmas, havia alunos surdos e autistas, o que demandava uma atenção especial na preparação dos materiais das aulas e na reflexão sobre a abordagem dos conteúdos. Muitos alunos autistas se beneficiam de uma linguagem clara e direta, sem ambiguidades, portanto, foi crucial considerar essa necessidade ao planejar as atividades. Além disso, a utilização de recursos visuais tornou-se indispensável para auxiliar não apenas os alunos autistas, mas também os surdos. Dessa forma, explorar outros sentidos, como a visão, tornou-se uma estratégia essencial para garantir uma aprendizagem mais inclusiva e eficaz para todos os alunos. Na figura 01 pode-se evidenciar um dos materiais preparados em torno desses pontos mencionados.

Figura 01: Material didático



Fonte: Própria

As aulas foram realizadas de forma expositiva dialogada com o intuito de torná-las mais atrativas, desse modo o docente deve proporcionar uma maior interação entre os alunos, fazendo questionamentos, com o intuito de explicar suas conclusões sobre o conteúdo. Assim, ainda com o objetivo de promover essa interação social foram realizadas atividades em grupos para desenvolver habilidades sociais de maneira explícita e estruturada (Figura 01).

Figura 02: Atividade em grupo



Fonte: Própria

De acordo com Bergmann e Sams (2018, p. 46), quando sugerem que “os professores desempenham papel fundamental na vida dos alunos”. São mentores, amigos, vizinhos e especialistas. Manter interações face a face com os professores é experiência inestimável para os estudantes”, e por muitas vezes ser professor vai além de um ensino em sala de aula, e sim ser empático sobre diversas situações.

Por anos lutamos contra a desigualdade social, e o direito ao ensino de qualidade é dever do estado assegurar, e para alunos com deficiência a luta é em dobro, pois por muitas vezes não conseguem condições adequadas ao ensino.

Não é a pessoa com deficiência que tem que se adaptar a sociedade, e sim, a sociedade que deve se adaptar, os docentes devem sempre auxiliar e incluir todos em uma sala de aula e facilitar o máximo o ensino e aprendizado de todos os discentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das experiências vivenciadas no programa, os resultados obtidos foram extremamente significativos, pois durante esse período, foi possível perceber um notável crescimento tanto como profissional quanto pessoal. Por isso é

indispensável que os processos formativos ofereçam experiências por meio das quais os licenciandos possam integrar os conhecimentos pedagógicos e da área de formação ao exercício da prática docente, fazendo relação entre o que se aprende na universidade e o que se desenvolve nas escolas (França-Carvalho; Melo; Oliveira, 2020).

Durante o programa desenvolvemos habilidades essenciais para atuar de forma eficaz dentro da sala de aula e em um contexto de diversidade para atender a todos os estudantes de forma integral. Sabendo que a universalização da educação é uma garantia a qual é de fato extremamente importante, buscamos superar os desafios para proporcionar o direito básico à educação de qualidade.

Dentro desse contexto, adaptar as práticas pedagógicas para adequar às necessidades individuais de cada aluno foi crucial, pois é de extrema importância reconhecer e valorizar a diversidade presente em sala de aula. De acordo com Silva, Pedro e Jesus (2017), a inclusão escolar possibilita aos alunos com deficiência ou outra especificidade partilhar do mesmo espaço social educacional que os demais e estimula a aprendizagem colaborativa, enquanto que aos demais alunos, oportuniza a troca, a convivência com o diferente, o respeito à diversidade, a sensibilização e a tolerância.

Assim, presenciar alunos que muitas vezes são negligenciados em seu direito básico à educação e proporcionar-lhes esse acesso vai além do ambiente escolar; é uma realização que faz uma diferença genuína no mundo. Foi gratificante saber que contribuimos para que esses alunos tenham oportunidades iguais de aprender, crescer e alcançar seus objetivos. Além disso, ao promover a inclusão educacional, estamos construindo uma sociedade mais justa e empática, na qual todos têm a chance de prosperar e contribuir de maneira significativa.

Por isso se faz crucial uma formação contínua pois oferece aos educadores as habilidades e os conhecimentos necessários para atender às necessidades em constante mudança dos alunos e para enfrentar os desafios emergentes no ambiente escolar. Concernente a isto, no inciso III do artigo 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional atesta que as instituições devem garantir “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;” (Brasil, 1996).

Assim, diante das experiências e tendo em vista que a educação é uma área em constante evolução, os educadores precisam se manter atualizados sobre as melhores práticas pedagógicas, e as novas tecnologias educacionais. Por isso, durante o programa, realizamos pesquisas e nos aprofundamos em áreas específicas, visando aprimorar os materiais didáticos e desenvolver estratégias para tornar o aprendizado de todos significativo.

Foi perceptível que diversas práticas metodológicas auxiliam tanto os alunos com deficiência quanto aqueles sem uma vez que muitas delas incorporam elementos que beneficiam ambos os grupos. Por exemplo, o uso de modelos e representações visuais é uma estratégia eficaz que facilita a compreensão de conceitos complexos. Além disso, as demonstrações realizadas em sala de aula não apenas cativam o interesse dos estudantes, mas também oferecem uma oportunidade única para visualizar fenômenos químicos, tornando o ensino mais acessível e significativo para todos.

Outra estratégia foi a promoção de atividades colaborativas que estimulam a participação de todos os alunos, independentemente de suas habilidades individuais. Assim, foi notório que ao adotar uma abordagem inclusiva em sala de aula, tivemos a oportunidade de criar um ambiente de aprendizagem que valoriza a diversidade e promove o sucesso de todos os alunos, independentemente de suas diferenças.

Diante desse contexto Tavares, Santos e Freitas (2016) propõem que os currículos de formação docente não incorporem apenas disciplinas específicas sobre essas temáticas, mas também que temas sobre inclusão sejam abordados em diversas outras disciplinas dos cursos de formação de forma transversal. Sabendo disso, o Programa Residência Pedagógica se concretizou como uma forma de expor os futuros docentes não apenas à teoria, mas também à aplicação prática desses conceitos, nos preparando de maneira mais abrangente e eficaz para enfrentar os desafios da educação inclusiva.

Dessa forma é importante enfatizar a necessidade de programas como este, pois seus objetivos são cruciais para uma melhor formação e futuras experiências profissionais, essas experiências foram fundamentais para nossa jornada como educadores, proporcionando uma base sólida para meu contínuo desenvolvimento profissional e pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto, podemos concluir a importância do Programa Residência Pedagógica na formação acadêmica de professores, assim como é crucial ressaltar a profunda transformação que essa vivência proporcionou na nossa jornada acadêmica e profissional. Ao longo do programa, tivemos a oportunidade de vivenciar de forma prática os desafios e as recompensas de estar em um ambiente escolar e participar do processo educacional de diversos estudantes.

Considerando que uma educação verdadeiramente inclusiva requer um preparo adequado dos docentes para trabalhar com alunos com deficiência, é evidente que ainda há uma carência significativa nessa área. Nesse sentido, o contato proporcionado pelo programa representa um passo crucial em direção à efetivação dessa inclusão.

5 AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com o suporte financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio do Programa de Residência Pedagógica, subprojeto de Química, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), campus João Pessoa. Agradecemos pelo compromisso contínuo com a excelência na formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/1996.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Edital 6: Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica**. 2018. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: https://cfp.ufcg.edu.br/portal/images/conteudo/PROGRAMA_RESIDENCIA_PEDAGOGICA/DOCUMENTOS_E_PUBLICACOES/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf . Acesso em: 25 Mar. 2024.

CARVALHO, A. M. P. **O Ensino de Ciências: Unindo a Pesquisa e a Prática**. São Paulo. p. 1 2004.

FRANÇA-CARVALHO, A. D.; MELO, R. A.; OLIVEIRA, L. X.; A relação teoria e prática no programa residência pedagógica da Universidade Federal do Piauí. *Revista Formação Docente*. Belo Horizonte, V. 13, n. 25, p. 123-136, Nov/2020. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/395/260> . Acesso em: 23 Mar. 2024.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001**

NETO, Antenor de Oliveira Silva et al. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; DE ALENCAR, Maria Aparecida Carvalho. Pesquisa científica: conceitos básicos. **ID online. Revista de psicologia**, v. 10, n. 29, p. 144-151, 2016.

SILVA, Berenice Maria Dalla Costa da. PEDRO, Vanize Inez Dalla Costa. JESUS, Eliane Maria. Educação Inclusiva. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, V. 01, n. 000099, p. 1-11, Jan/2017. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/educacao-inclusiva>. Acesso em: 20 Mar. 2024.

TAVARES, Lídia Mara Fernandes Lopes; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos; FREITAS, Maria Nivalda Carvalho. A Educação Inclusiva: Um estudo sobre a formação docente. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 22, n. 04, p. 527-542, Out-Dez, 2016.